

DISPERSÃO METROPOLITANA NA REGIÃO DO SALGADO: OS IMPACTOS NO URBANO DE SALIÓPOLIS/PA (SESSÃO TEMÁTICA 4)

Karina Pimentel dos Santos

Universidade do Vale do Paraíba | kasantos1105@gmail.com

Sandra Maria Fonseca da Costa

Universidade do Vale do Paraíba | E-mail sandracostaunivap@gmail.com

Sessão Temática 4: Metropolização do espaço: planejamento, governança e gestão

Resumo: As novas tendências de transformação no espaço urbano têm fornecido importantes discussões para o entendimento das cidades. As relações entre os agentes e as produções que acabam tomando formas e estruturas nas cidades conseguem evidenciar o processo pelo qual a sociedade vivência o seu cotidiano. Para o planejamento urbano, os efeitos desses processos precisam ser analisados para que seja possível pensar em políticas públicas de melhor eficiência. Diante deste pressuposto, esta pesquisa tem como objetivo analisar os efeitos da dispersão metropolitana, da RM de Belém, na cidade Salinópolis (PA) e as interferências no seu espaço urbano. Esta é uma pequena cidade que pertence à microrregião do Salgado Paraense que, em função de sua situação geográfica (costa do atlântico), possui um potencial para o turismo praieiro, de veraneio ou de sol e mar, como é popularmente chamado. Porém, a instalação na cidade de grandes cadeias de resorts e redes hoteleiras tem causado significativas mudanças em seu espaço urbano, nos últimos dez anos, e influenciado diretamente a sua organização espacial que passou a apresentar traços do cotidiano da metrópole, como aspectos desconectados da população local.

Palavras-chave: Salgado paraense, pequenas cidades, dispersão metropolitana, turismo.

METROPOLITAN DISPERSION IN THE SALGADO REGION: IMPACTS ON THE URBAN SPACE OF SALINÓPOLIS/PA

Abstract: *The new trends in urban space transformation have provided significant discussions for understanding cities. The relationships between agents and the productions that shape cities' forms and structures highlight the processes through which society experiences its daily life. For urban planning, the effects of these processes must be analyzed to enable the development of more efficient public policies. Based on this premise, this research aims to analyze the effects of metropolitan dispersion from the Metropolitan Region of Belém (RMB) on the city of Salinópolis (PA) and the resulting impacts on its urban space. This small city, located in the Salgado Paraense microregion, has significant potential for beach tourism, vacationing, or what is commonly referred to as 'sun and sea' tourism due to its geographic location on the Atlantic coast. However, the establishment of large resort chains and hotel networks in the city over the past ten years has caused significant changes in its urban space, directly influencing its spatial organization. As a result, the city has begun to exhibit features typical of metropolitan life, such as aspects disconnected from the local population.*

Keywords: *Salgado Paraense, small towns, metropolitan dispersion, tourism.*

DISPERSIÓN METROPOLITANA EN LA REGIÓN DEL SALGADO: LOS IMPACTOS EN EL ESPACIO URBANO DE SALINÓPOLIS/PA

Resumen: *Las nuevas tendencias de transformación en el espacio urbano han proporcionado importantes debates para comprender las ciudades. Las relaciones entre los agentes y las producciones que terminan tomando formas y estructuras en las ciudades logran evidenciar el proceso por el cual la sociedad experimenta su vida cotidiana. Para la planificación urbana, los efectos de estos procesos deben ser analizados para poder pensar en políticas públicas más eficientes. Ante este supuesto, esta investigación tiene como objetivo analizar los efectos de la dispersión metropolitana del Área Metropolitana de Belém en la ciudad de Salinópolis (PA) y las interferencias en su espacio urbano. Esta es una pequeña ciudad que pertenece a la microrregión del Salgado Paraense, que, debido a su ubicación geográfica (costa atlántica), tiene un gran potencial para el turismo de playa, vacacional o de sol y mar, como se le llama popularmente. Sin embargo, la instalación en la ciudad de grandes cadenas de resorts y redes hoteleras ha causado cambios significativos en su espacio urbano en los últimos diez años, influyendo directamente en su organización espacial, que ha comenzado a presentar características propias de la vida cotidiana de la metrópoli, como aspectos desconectados de la población local.*

Palabras clave: *Salgado Paraense, pequeñas ciudades, dispersión metropolitana, turismo.*

INTRODUÇÃO

As dinâmicas globais de transformação do espaço têm propiciado um vasto campo de investigação nas cidades a partir dos diferentes processos resultantes, considerando que a lógica de estruturação espacial segue a ordem neoliberal e econômica a partir dos interesses dominantes. A organização regional sofre interferência direta da metrópole, que segue o ritmo das necessidades desse grande centro urbano, com um cotidiano próprio. A concentração dessas atividades na metrópole é tão grande que se torna necessária a espacialização dessa dinâmica para novos espaços, o que podemos chamar de desconcentração, um movimento socioeconômico de dispersão para áreas mais afastadas com forte densidade social (Gottdiener, 2016).

O processo de dispersão urbana, partindo dos grandes agentes para as áreas estratégicas do desenvolvimento do capitalismo, causa o que Lencioni (2017) denomina como metropolização do espaço, que transforma profundamente o território. Não se trata de uma simples transformação, mas do que ela vem a chamar de uma verdadeira metamorfose do espaço, que resulta em implicações e profundas alterações nas formas, na estrutura e na natureza.

Sendo assim, a dispersão desses elementos da metrópole transforma a cidade e lhe confere uma dinâmica diferenciada. O seu espaço urbano de cidade pequena, por exemplo, começa a apresentar aspectos da metrópole sem perder sua regionalidade, surge novas escalas de adensamento urbano e a organização da vida cotidiana nesse novo estágio se enquadra na vida social do território (Reis, 2006).

Por isso, torna-se necessário identificar quais seriam esses aspectos e compreender seus impactos no local. Pensando esse processo nas realidades das cidades amazônicas, em que o urbano é a base da organização do mercado (Becker, 2001) e as estratégias de urbanização sempre foram condicionadas por algum interesse de desenvolvimento do capital, a dispersão metropolitana deve ser motivada por algum elemento atrativo.

Um exemplo desse processo ocorre em Salinópolis, situada na microrregião do Salgado Paraense e que possui uma dinâmica intrínseca ao oceano Atlântico, que a torna essencial para o desenvolvimento do seu urbano. Atividades como a pesca em alto-mar (artesanal e industrial), a coleta e a comercialização de mariscos e, principalmente, o turismo de veraneio são potenciais estruturadores desses espaços costeiros.

A população da Região Metropolitana de Belém (RMB) foi o principal alvo desse mercado turístico, desde a década de 1960, o que levou uma parcela dessa população belenense a estabelecer uma segunda residência na cidade para aproveitar o final de semana e a alta temporada de verão. A partir desse processo, foi notório que Salinópolis teve seu desenvolvimento, urbano e cultural, impulsionado, com formas e funções (Santos, 2014) voltados a atender aos turistas, fazendo com que o processo de dispersão metropolitana nesta direção tem sido cada vez mais intenso, nos últimos dez anos. Para tentar compreender

esses aspectos, o presente trabalho tem como objetivo analisar os efeitos da dispersão metropolitana na cidade de Salinópolis (PA) e as interferências no espaço urbano.

Este trabalho está vinculado a um longo processo de pesquisa de doutorado, que estuda as pequenas cidades do litoral paraense e passou por importantes etapas metodológicas. A primeira delas foi a longa construção de um referencial teórico que ajudasse no embasamento sobre questões de produção capitalista do espaço, dispersão metropolitana, pequenas cidades, turismo, e material histórico e acadêmico sobre Salinópolis. A segunda etapa foi formada pelos trabalhos de campos (janeiro/2021; janeiro e julho/2022; janeiro e setembro/2024)¹ que almejaram a coleta de dados primários, baseados em entrevistas com os moradores e representantes de instituições com a secretaria de turismo de Salinópolis, e a captura de imagens que pudessem mostrar as formas e estruturas presentes na cidade que corroborem com a discussão. E a terceira etapa foi composta pela análise dos dados primários e secundários, do mapeamento e construção textual.

Para um melhor entendimento, o presente trabalho está organizado em três tópicos. O primeiro traz uma abordagem teórica sobre metropolização e dispersão metropolitana; o segundo faz o resgate histórico da Região do Salgado buscando entender a atual fase de integração com a RMB; e o terceiro e último tópico apresenta apontamentos e análises de trabalhos que discutem as transformações e o espaço urbano da cidade de Salinópolis, para analisar os impactos da dispersão metropolitana.

A DISPERSÃO DA METRÓPOLE

A evolução da construção do espaço é dinâmica: as configurações que (re)organizam as formas e as estruturas seguem o fluxo das relações e da necessidade do capital em se reproduzir, e o espaço da metrópole é um exemplo desse processo. O grande centro urbano que concentra atividades, serviços, infraestrutura, informações, pessoas e capital representa um polo de crescimento e desenvolvimento. A região metropolitana é a configuração materializada dessas interações e desses processos, que na medida em que se intensificam acabam incorporando outras áreas e outras cidades que passam por intensas mudanças no seu espaço intraurbano (Lencioni, 2017).

Esse contexto de extravasamento da dinâmica metropolitana para outros territórios envolve questões sobre a regionalização do próprio espaço, pois a dinâmica metropolitana institucionalizada impõe a necessidade de elaboração de um novo modo de pensar e de regionalizar esses espaços que não estão no entorno da Região Metropolitana (RM) (Lencioni, 2004). É o processo conhecido como dispersão da metrópole, que envolve outros territórios que são convenientes para a reprodução do capital, reproduzindo traços do cotidiano da RM.

¹ A pesquisa principal foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIVAP – Universidade do Vale do Paraíba. (CAAE: 50934121.9.0000.5503).

Agora, a questão é a de metropolizar os espaços urbanos existentes. Ou seja, trata-se de imprimir aos espaços urbanos características da metrópole, porque muitas atividades, até então exclusivas da metrópole, necessitam ser reproduzidas fora dela para que a reprodução do capital em geral continue sua expansão (Lencioni, 2004, p. 157).

A dispersão metropolitana transforma as relações entre esses territórios, muitas vezes ultrapassando os limites da hierarquia urbana, inicialmente organizada, respeitando a ordem de tamanho e importância das cidades. A dinâmica regional passa a representar a expansão do capital de modo heterogêneo, sendo que cada espaço oferece atrativos diferenciados e específicos que modificam não apenas o intraurbano, mas também o cotidiano da população local.

A tendência da metropolização do espaço leva ao processo de homogeneização do mesmo, que chega a ser perceptível ao olhar nas formas e estruturas de uma cidade que se assemelham a outras (Lencioni, 2010) ou reproduzem dinâmicas presentes na capital, em uma situação em que não é mais necessário estar presente em um grande centro metropolitano para presenciar essas experiências.

Por isso, os espaços metropolizados assumem aspectos e características similares aos da metrópole em menor escala, seja pelos investimentos de capital, ou pelo desenvolvimento das atividades de serviços. Há, nesses espaços, uma tendência de desenvolvimento dos centros comerciais que imprime características metropolitanas ao território, transformando as estruturas preexistentes, além de possuir uma dimensão cultural, em que hábitos culturais e valores antes próprios e exclusivos daqueles que viviam nas metrópoles, passam a ser produzidos em outros lugares (Lencioni, 2017).

Em áreas estratégicas, como uma cidade com grande potencial turístico, a produção desse espaço assume o centro do processo de acumulação capitalista, isso porque a produção da riqueza valoriza o ramo imobiliário e o visualiza como uma estratégia que dá novo fôlego à reprodução do capital, que acaba por reproduzir as relações sociais (Lencioni, 2010).

As mudanças na existência social devem compreender novas modalidades de urbanização e novas configurações na estrutura do espaço. Segundo Reis (2006), a dispersão urbana corresponde a novos estágios do comércio mundial e a novos modos de organização capitalista, em áreas muitas vezes isoladas ou distantes, resultando em novas escalas de adensamento urbano.

Corresponde também, como consequência, a um processo de extensão dos modos de vida metropolitanos a essas áreas, generalizando sua presença, especialmente no que se refere aos modos de circulação e consumo (Reis, 2006). Assim, a dinâmica do processo de metropolização presente no espaço envolve áreas e modifica o mercado de terras, que passa por uma maior “valorização” e por um aumento de seu preço. Há uma elevação geral do preço da terra, pois a propriedade privada da terra se constitui numa condição indispensável à produção imobiliária formal, que acaba por mercantilizar o espaço (Lencioni, 2017).

No entanto, na região não metropolizada o espaço tende a ser mais fragmentado, reforçando as funções urbanas das cidades em pontos, por isso, este se apresenta menos homogêneo e com formas mais diferenciadas que o espaço metropolizado (Lencioni, 2004). Ou seja, apesar dessa reprodução do cotidiano da metrópole nessas cidades, o processo não ocorre da mesma forma que na RM.

Com a ideia de que a dispersão urbana tem contestado o sentido de unidade, fala-se agora sobre o processo de fragmentação de uma totalidade, em que a junção desses processos garante uma unidade nas relações. Seria impossível visualizar os limites da dispersão e perceber as relações entre os fragmentos sem a integração, a escala que se apresenta fragmentada e dispersa.

Em síntese, Lencioni (2010) argumenta que a homogeneização torna os espaços semelhantes, porém esses espaços também se fragmentam, pelas diferenças que existem entre os setores urbanos das cidades, devido às diferenças que se apresentam, e o resultado maior dessa dinâmica se reflete em níveis de hierarquias intraurbanas, que reestruturam as relações de subordinação e dominação.

A DINÂMICA REGIONAL E O TURISMO DE VERANEIO NO SALGADO PARAENSE

Desde o período colonial, o espaço da região Amazônica é explorado e seus recursos naturais extraídos. Adentrar a mata fechada e estabelecer polos de povoamento necessitava de estratégias, até mesmo para facilitar o escoamento das drogas do sertão, que eram exportadas para a Europa. As frentes pioneiras que ocuparam a Amazônia seguiram um padrão característico, usando a vasta rede hidrográfica que a região possui. Os rios se tornaram a forma mais acessível para adentrar a densa floresta, de modo que os primeiros aglomerados de povoados surgiram nas suas margens, o que moldou inicialmente o urbano na região.

Belém foi a primeira sede a ser fundada, em 1616, estrategicamente localizada no encontro da foz do Rio Guamá com a Baía do Guajará; outros núcleos como Cametá, Gurupá, Salinópolis e Bragança também foram estabelecidos. Tavares (2011) explica que a lógica do primeiro sistema de controle territorial funcionava da seguinte maneira: a construção dos fortins, em áreas estratégicas, visava a defesa do território; e a concentração e ocupação das aldeias indígena, tinha a intenção de colonizá-los e impedir seu contato com outras nações europeias. É "importante ressaltar o caráter geopolítico, religioso e econômico deste período em que a conquista se assentava no tripé: comércio de drogas do sertão-aldeamento-fortalezas" (Tavares, 2011, p. 110).

O governo vigente à época, a partir da necessidade de abastecimento da capital, voltou os olhos para a parte do território que correspondia à faixa atual entre Belém e Bragança, que

era formada por incipientes nódulos de povoamento no litoral e pela porção de terra firme com mata densa.

Entre os dois centros urbanos, uma área completamente despovoada aguardava a colonização – a Região Bragantina – pois, para se ir de Bragança a Belém, devido à correnteza das águas do litoral, assim como a presença de inúmeros parciais junto à foz do rio Caeté, preferia-se a rota interior, indo-se por terra até Ourém e, daí, pelo rio Guamã, até Belém. Cobriam-se, assim, as 25 léguas de distância que mediavam entre Belém e Bragança, em 6 ou 8 dias de viagem (Penteado, 1967, p. 106).

Dessa forma, a época do período da extração da borracha coincidiu com a política de colonização das terras bragantinas, pela necessidade de abastecimento e ocupação dessa porção do território, com a intenção de abrir um caminho que ligasse Belém à Bragança.

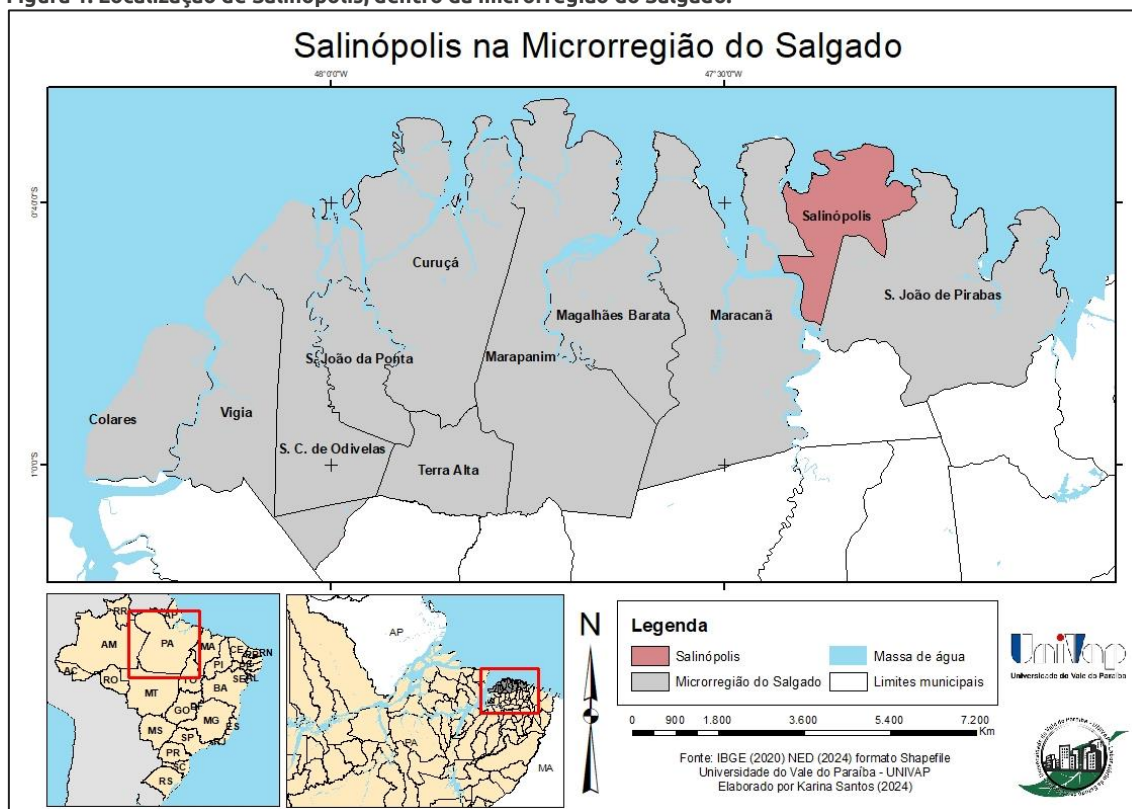
Na época, Belém mantinha uma íntima ligação com São Luiz do Maranhão para fins de negócio e arrecadação de suprimentos, porém o trajeto que se fazia era por meio de embarcações pelo litoral – marcado pelas falsas-rias, tendo como ponto de conexão a vila de Bragança. Durante esse trajeto de navegação, havia a necessidade de atracar constantemente para abastecer as embarcações pequenas, não esquecendo de ressaltar o quão perigoso era em função da precariedade dos barcos que não eram próprios para realizar percursos distantes – mas que naquela época eram usados para tais fins. Esse processo fez surgir vários núcleos de povoamento que, depois se transformaram em cidades, como Eugênia Égler (Égler, 1961, p. 76) destaca:

A via marítima, apesar de perigosa e demorada, ainda representava importância ponderável. Realizada mediante pequenas embarcações à vela, obrigadas a aportar com frequência a fim de procurar reabastecimento e abrigo, resultou desta navegação um verdadeiro rosário de pequenos núcleos de povoamento ao longo da costa do Pará. Entre Bragança e Belém, podem ser assinalados os seguintes: Quatipuru, São João de Pirabas, Salinas, Maracanã, Marapanim, Curuçá, São Caetano de Odivelas, Vigia e Pinheiro.

Essa região de entreposto comercial no litoral paraense constitui o que hoje denomina-se região do Salgado, devido à sua íntima ligação com o mar e à atividade pesqueira de destaque. É uma região que possui uma particularidade dentro da Amazônia por ter outros fatores que influenciam em sua dinâmica, não apenas o rio, mas também o oceano, a pesca em alto-mar, e o turismo de veraneio. A urbanização dessa porção da costa paraense tornou-se mais intensa a partir da dinâmica da Estrada de Ferro de Bragança, e se expandiu cada vez mais com as rodovias (Santos & Montoia, 2022).

A microrregião do Salgado possui uma população predominantemente rural, é caracterizada como um rosário de pequenos centros urbanos, sendo importantes centros pesqueiros e áreas propícias para o lazer (Cordeiro *et al.*, 2017). A região é conhecida pelas várias opções de turismo, entre elas estão as belas praias, os passeios ecológicos, balneários e igarapês, entre outros. Essa atração é importante para a região e, dentro desse processo, algumas cidades se destacam, como Salinópolis (Figura 1).

Figura 1: Localização de Salinópolis, dentro da microrregião do Salgado.



Fonte: Santos (2024).

A Figura 2 apresenta duas matérias de antigos jornais:

- do "O Estado do Pará", com uma matéria de 14 de maio de 1939, que aborda a construção de uma via de acesso entre as cidades de Igarapé-Açu e Capanema, que consequentemente facilitaria o acesso até Salinas², que desde aquela década já era destaque para o turismo balnear, que é marcado pela sazonalidade e os sujeitos mantêm certa familiaridade e proximidade com o local, dinâmica diferente de outras formas de turismo (Adrião, 2006);
- do "O Liberal", com uma matéria de 02 de julho de 1947, sobre o impulso de desenvolvimento que Salinópolis presenciou a partir dos incentivos do Governador Magalhães Barata. As partes destacadas em amarelo frisam as ações da gestão estadual no saneamento, as melhorias nas rodovias que ligassem Belém a Salinópolis, luz elétrica, que favoreceu as iniciativas privadas e edificações modernas, para época, como a construção do Hotel Salinópolis.

² Atual Salinópolis.

Figura 2: a) Matéria do O Liberal sobre o desenvolvimento de Salinópolis. b) Matéria do O Estado do Pará sobre a construção de uma nova via de acesso.



Fonte: a) O Estado do Pará, Belém, 14 de maio de 1939. (Disponível em <https://www.facebook.com/salinopolisdaamazonia/photos/nostalgiaavenida-beira-mar-e-a-praia-do-ma%C3%A7arico-sem-a-orlaa-data-%C3%A9-desconhecida/327192724133849>. Acesso em: 10 de out de 2024).
 b) O liberal, Belém, 2 de julho de 1947. (Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=761036&pasta=ano%20194&pesq=salinas&pagfis=660>). Acesso em: 10 de out de 2024).

Segundo a matéria do O Liberal, o ex-governador Magalhães Barata deixou um legado de modernização do estado do Pará, e Salinópolis, com seu potencial turístico e localização estratégica, foi uma das cidades a se beneficiar de seu olhar para o desenvolvimento regional. Salinópolis também teria sido beneficiada por investimentos em portos e na atividade pesqueira, áreas que Magalhães Barata buscava fortalecer, especialmente em cidades costeiras, além dos esforços para a urbanizar e modernizar Salinópolis e transformá-la em um polo turístico.

A partir da década de 1960, houve o reforço das rodovias com o incentivo de projetos federais para criar um meio de acessibilidade entre as cidades do Salgado e a capital (Rodrigues, 2003). Esta necessidade demorou um tempo para a ser alcançada, mas que trouxe uma facilidade de integração, e o caminho até Salinópolis passou para duas horas e meia, o que antes durava quinze horas, no mínimo.

Santos e Montoia (2022) comentam que essas mudanças espaciais que ocorreram por meio da facilidade de acesso, considerando as rodovias, permitiram maior conexão entre a costa do Pará e a capital, o que resultou em um novo dinamismo para as pequenas cidades do Salgado, especialmente para Salinópolis.

Esse processo reforçou o turismo de veraneio, que por definição adquire sentido de acordo com a relação com o lugar e apresenta uma simbologia de local para descanso, relaxamento e socialização com família e amigos, um lugar onde os veranistas socializam com suas famílias e o local da praia constitui uma experiência de rotina (Caletério, 2011).

Essas pequenas cidades do Salgado, conhecidas como “melhores estações balneárias do Pará” (Montenegro, 1908, p. 157), foram transformadas pela construção das rodovias, exercendo grande destaque dentro da dinâmica regional, reforçam as interações com a Região Metropolitana de Belém (RMB), a partir da atividade do veraneio, além de abastecer o mercado regional com o pescado e frutos do mar (Santos & Montoia, 2022).

A partir desse processo, a microrregião do Salgado tem sido palco da expansão capitalista, concentrada em algumas cidades, como é o caso de Salinópolis, em que o fenômeno de dispersão e concentração é implícito à produção do espaço, que são elementos desse dinamismo, implicando reestruturações espaciais (Trindade Jr., 2016).

Gottdiener (2016) comenta que a desconcentração em escala regional é caracterizada pelos padrões de crescimento do espaço de assentamento. Pensando nos incentivos e nas mudanças que algumas cidades da Região do Salgado têm apresentado para incentivar o turismo praieiro, percebe-se que esse processo envolve ao mesmo tempo aglomeração e descentralização, dispersas numa escala regional em expansão.

Esses investimentos em infraestrutura se tornam vetores de expansão, concentração de comércio, atratividades culturais, com o mercado imobiliário atuando forte na construção de imóveis para aluguel em alta temporada ou na aquisição de segunda residência. Essa desconcentração de serviços que segue esses vetores na região é produto de mudanças contemporâneas, em que certos “aspectos dos espaços são funcionais para frações do capital, bem como a classe trabalhadora, tornando assim a própria produção de espaço um elemento a mais na natureza antagônica das relações sociais capitalistas” (Gottdiener, 2016, p. 230).

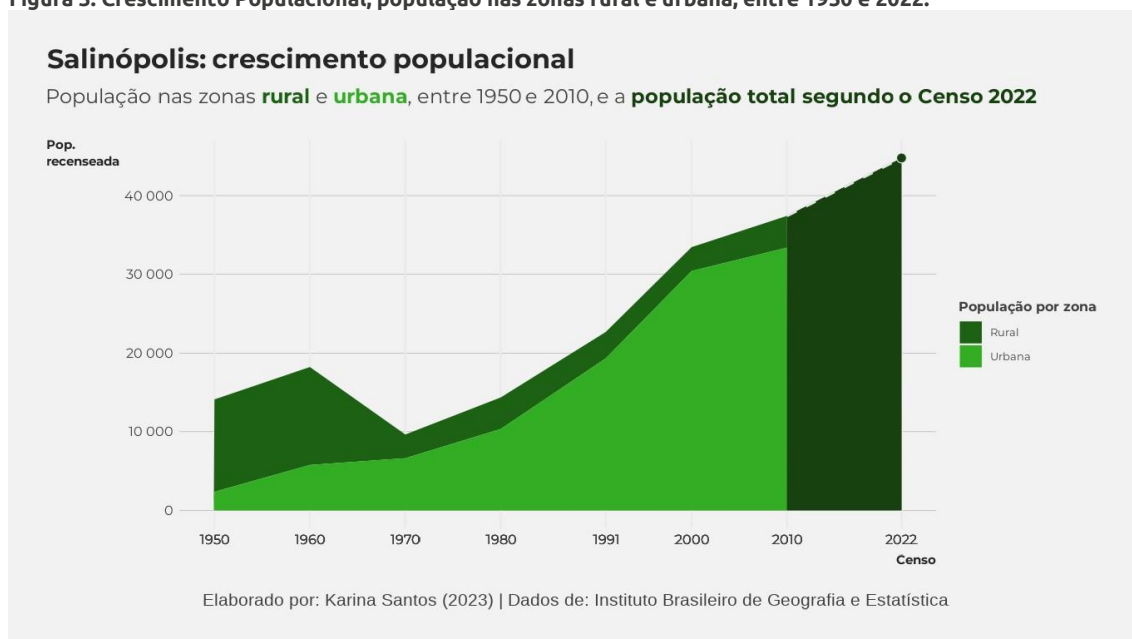
A dinâmica regional da costa do Pará está muito ligada ao turismo praieiro, o que intensifica a produção espacial da Região do Salgado de forma diferenciada a partir da concentração em áreas estratégicas para o lazer. A dispersão metropolitana ocorre a partir da transformação do cotidiano das pequenas cidades com o objetivo de atender às demandas da atividade turística. A cidade de Salinópolis é um grande exemplo desse processo.

A METROPOLIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE SALINÓPOLIS

A discussão proposta no presente trabalho busca entender o processo de dispersão urbana e metropolização do espaço e analisar seus efeitos e transformações. Neste sentido, a cidade aqui investigada se localiza na microrregião do Salgado, litoral do Pará: Salinópolis, popularmente conhecida como Salinas. Esta cidade se apresenta como um entreposto no território junto ao mar que facilita o interesse pelo turismo, além de possibilitar a atividade da pesca em alto-mar. Brito (2004) comenta que foram os jesuítas que inicialmente utilizaram a mão-de-obra indígena para desenvolver esta atividade, visto que aqueles nativos já possuíam costumes como a prática de salgar o peixe. Logo em seguida, o governo colonial intensificou a prática da extração do sal construindo algumas salinas no litoral paraense.

O município possui 44.772 habitantes (IBGE, 2022), com uma densidade de 198 hab./km², em que 90% dos moradores residem na área urbana. O gráfico da Figura 3 demonstra o crescimento demográfico da cidade, em que é possível perceber o aumento populacional e principalmente a predominância de residentes na área urbana. A queda da população observada no censo de 1970 ocorreu em função da perda do então distrito de São João de Pirabas para compor o novo município de Primavera, conforme Lei Estadual 2.460/1961.

Figura 3: Crescimento Populacional, população nas zonas rural e urbana, entre 1950 e 2022.



Fonte: Santos (2024).

Entre 2000 e 2010 o município teve um crescimento populacional equivalente à 11% e, entre 2010 e 2022, a população aumentou o equivalente à 16%. Esses dados demonstram que Salinópolis apresenta um perfil diferente do padrão de pequena cidade da Amazônia, com um cotidiano ligado à vida urbana, pois as principais atividades econômicas se concentram no setor terciário (Santos, 2024). Isso implica em um centro mais denso e com mais equipamentos urbanos que atenda às necessidades dessas dinâmicas.

A situação geográfica de Salinópolis, na costa do Oceano Atlântico, colabora para que esse lugar se torne um dos balneários mais procurados pela população paraense, oriundos principalmente da RMB, nas tradicionais estações/sazonalidades de “férias de verão” (período de julho) e feriados prolongados. Ao contrário de outras áreas costeiras da Região Norte, o litoral paraense se caracteriza por ter uma faixa bastante recortada, com feições que apresentam presenças de “rias”, ou falsas-rias, que são consideradas costas rasas e que se abrem largamente na linha costeira (Brito, 2004).

O processo de urbanização da cidade se deu a partir do incentivo à segunda residência e à atividade do turismo. A intensificação da expansão urbana desenvolveu-se por volta da década de 1960. Em Salinópolis, foram identificados alguns fatores que contribuíam para a aceleração: aumento do fluxo dos veranistas, a doação de terras públicas, a construção da

segunda residência, o projeto AGRISAL³; fatores esses que tiveram importância na (re)organização socioespacial do município (Brito, 2004).

A construção da segunda residência do governador Alacid Nunes⁴, em Salinas, foi um incentivo para alastrar esse processo, que ajudou a estimular o fenômeno urbano no local. O mercado imobiliário lucrou com esse processo, que se intensificou e transformou o espaço: “essa urbanização foi desencadeada por um desejo do poder público/iniciativa privada em transformar o lugar, em um espaço para fins turísticos, lazer e entretenimentos” (Brito, 2004, p. 83).

Além da dinâmica populacional, o espaço urbano da cidade foi intensamente modificado, resultado do desenvolvimento da atividade turística. Destinadas a atender as necessidades dessa atividade, promoveu mudanças como o crescimento da malha urbana de Salinópolis, movido não somente pelo crescimento populacional, mas também pela expansão de segundas residências e áreas de projetos do capital imobiliário e hoteleiro (Santos, 2024; Santos, 2025).

No mapeamento da Figura 4, elaborado por Santos (2025), é possível analisar o potencial de crescimento desse tecido. No intervalo de 1984 a 2000, a área urbana de Salinópolis teve um crescimento de 153%. Destaca-se a expansão deste tecido para além da orla, no eixo rodoviário, e para a urbanização da ilha do Atalaia, que passou por um intenso processo de urbanização a partir da construção de empreendimentos ligados ao turismo: hotéis, casas de segunda residência, resorts, restaurantes etc., com um percentual de crescimento de 996,98%, demonstrando um espaço propício para a reprodução do capital imobiliário na Ilha.

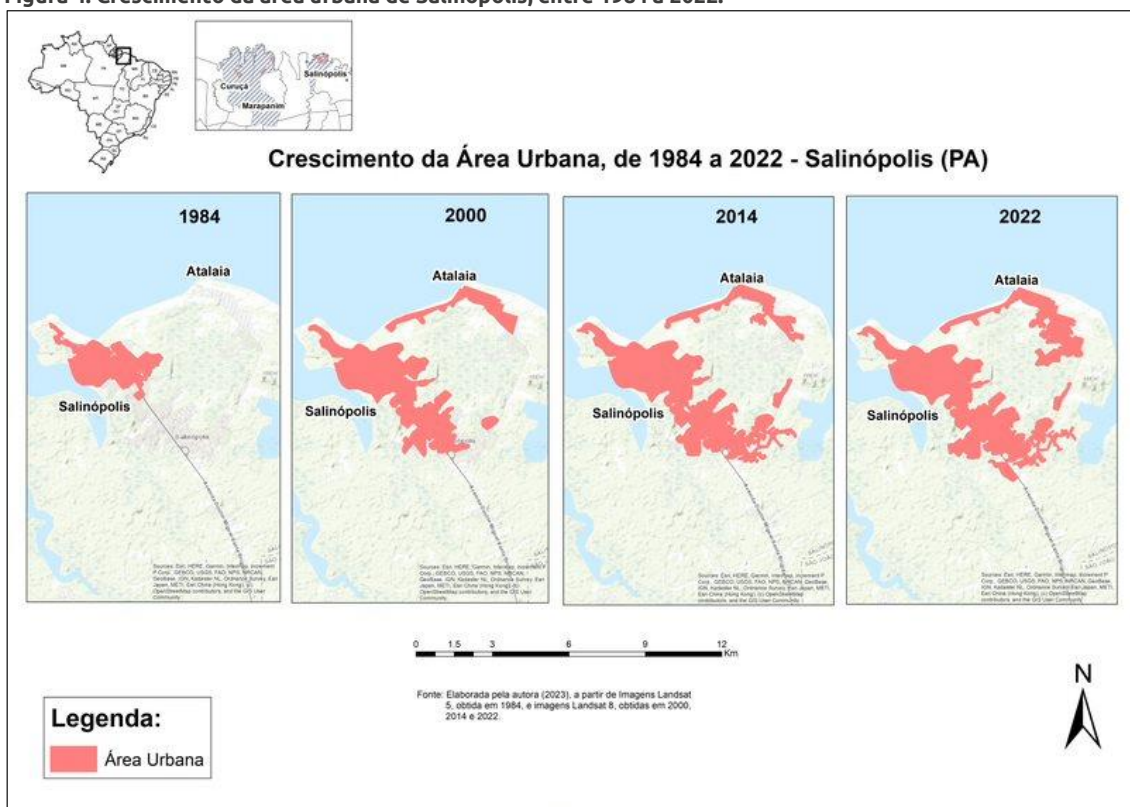
De 2000 e 2014, esses dois eixos principais continuaram se intensificando, crescendo com uma porcentagem de 13%, apresentando novas áreas de loteamento para a população, que correspondeu ao crescimento populacional, como foi apresentado no gráfico da Figura 2. Atalaia, nesse período, cresceu o equivalente a 9,62%, um percentual não muito elevado, como nos outros períodos.

No intervalo entre 2014 e 2022, de apenas oito anos, ocorreu um crescimento significativo na ilha do Atalaia, de 84%; o tecido urbano de Salinópolis cresceu 22%, maior do que no período anterior, de 2000 a 2014, marcado pela presença forte do mercado de construção hoteleiro no município.

³ Projeto Agro-Industrial de Salinópolis S/A.

⁴ Ocupou o cargo de Governador do Pará entre os anos de 1966 a 1971.

Figura 4: Crescimento da área urbana de Salinópolis, entre 1984 a 2022.



Fonte: Santos (2025).

Desse modo, o processo de modificação da cidade de Salinópolis se intensificou, e os problemas também. Um exemplo é a apropriação do solo que antes era voltado a uma lógica de valor de uso, “estruturando a apropriação do espaço litorâneo em sistemas tradicionais de usos, em que predominavam atividades como a pesca de subsistência, a coleta de crustáceos, moluscos e mariscos, extrativismo e pequenas roças” (Marinho, 2009, p. 73). Esse uso envolve toda uma temporalidade própria, específica da relação homem-lugar, caracterizada pelo cotidiano nas marcas dos hábitos, das crenças e de possíveis manifestações culturais ligadas à natureza e ao mar.

Atualmente, é possível notar o intenso uso do espaço voltado a uma lógica de valor de troca, uma característica do avanço da dispersão metropolitana. As atividades urbanas- mercantis, como o mercado imobiliário, expandiram-se na cidade voltadas ao atendimento a turistas. São diversas as estratégias do capital imobiliário para a sua reprodução, investindo em larga escala em atividades que sejam atrativas para o mercado turístico, e Salinópolis apresenta práticas socioespaciais “marcadas pela complexidade e conflitos inerentes ao processo de reprodução espacial das cidades capitalistas” (Marinho, 2009, p. 73). Esses processos refletem a produção diferenciada do espaço, caracterizando o desenvolvimento desigual do espaço social da cidade.

Marinho (2009) comenta que o urbano em Salinópolis é marcado por esse processo, e um exemplo são os diferentes padrões de moradia, o local que cada agente ocupa na cidade, a disponibilidade de serviços presentes no local (públicos ou privados). O mercado imobiliário

possui uma variedade de construções, como os grandes residenciais, loteamentos e condomínios fechados, voltados para atender os turistas, seja por meio do aluguel por temporada, dos contratos de multipropriedade⁵ ou da aquisição de segunda residência.

Em contrapartida, em bairros mais afastados do centro comercial estão localizadas as moradias da população que reside na cidade, como pequenos comerciantes, pescadores etc. Ou seja, os aspectos da dispersão metropolitana que modifica a estrutura do espaço reforçam a segregação espacial em função da concentração dos equipamentos urbanos. Um exemplo desse processo é o bairro da Prainha.

Segundo Adrião (2006), os habitantes da Prainha são aqueles pescadores mais antigos da região de Salinópolis e vivenciaram o processo de deslocamento do centro para a periferia devido à urbanização da área balneária, que começou nas décadas de 1960 e 1970 com a criação da Estância Hidromineral. Eles venderam suas terras para a construção das 'segundas residências' dos veranistas, mudando-se para áreas periféricas da cidade e ocupando zonas de mangue e terra firme, muitas vezes em condições precárias de saúde e saneamento (Figura 5).

Figura 5: Assentamentos de moradia popular no bairro da Prainha.



⁵ Consiste na venda de cotas de apartamentos mobiliados em que o cliente se torna um dos donos. Ao adquirir uma cota o proprietário tem o direito de usufruir do imóvel em uma determinada época do ano. Esse sistema imobiliário é regulamentado no Brasil por meio da Lei 13.777/2018, que trouxe mais clareza e segurança jurídica para esse tipo de dinâmica, definindo direitos e deveres de todos os envolvidos.

Fonte: Acervo do Laboratório de Estudo das cidades (2024).

Alguns desses moradores continuam ligados à atividade pesqueira, enquanto outros deixaram a profissão para atuar como caseiros para os veranistas. Conforme aponta Adrião (2006), houve uma transformação na solidariedade que antes era promovida pela pesca, pois a estrutura social do trabalho foi alterada de forma significativa, impactando o sistema de trocas e a solidariedade que existia entre os vizinhos do bairro por meio da pesca.

A coleção de imagens da Figura 6 ilustra as condições das habitações de palafitas no bairro da Prainha, construídas em áreas de mangue, em estado precário e sem sistema de esgoto. Devido à proximidade da maré, os moradores recorrem à pesca nos períodos de necessidade para sustentar suas famílias, conforme relataram alguns participantes durante as entrevistas.

Figura 6: Vila de palafitas no bairro da Prainha.



Fonte: Laboratório das cidades (2022).

A imagem da Figuras 7 é do bairro Caranãzinho, também periférico e formado por moradias populares de pescadores. Apesar de apresentar ruas asfaltadas, a maioria das casas são de madeira no estilo palafitas, localizada em área de mangue e em condições precárias de saneamento básico, fator que contribui para a poluição desse ecossistema com o descarte indevido de resíduos sólidos e do próprio esgoto doméstico.

Figura 7: Estruturas habitacionais precária do bairro Caranãzinho.



Fonte: Laboratório das cidades, 2024.

A partir desse conjunto de imagens, é possível notar que uma parte da cidade de Salinópolis é desconexa da dinâmica pensada para o turismo. Os cuidados com o planejamento urbano e com as infraestruturas beneficiaram principalmente as zonas turísticas da cidade, ou seja, essas áreas periféricas não foram contempladas nem beneficiadas com as melhorias de infraestrutura. Elas são resultantes da reprodução da população que constrói o seu espaço vivido⁶ diante das áreas planejadas e estruturadas pelo mercado imobiliário, que seria o espaço concebido⁷ (Lefebvre, 2013), que faz parte do avanço da dispersão metropolitana atraída pela atividade do turismo em Salinópolis. Dada esta dinâmica, Salinópolis ganhou um aeroporto para facilitar o acesso de uma classe de alto poder aquisitivo, sendo possível a conexão de qualquer parte do país fazendo conexão por Belém, com voos que atendem a cidade aproximadamente duas vezes por semana.

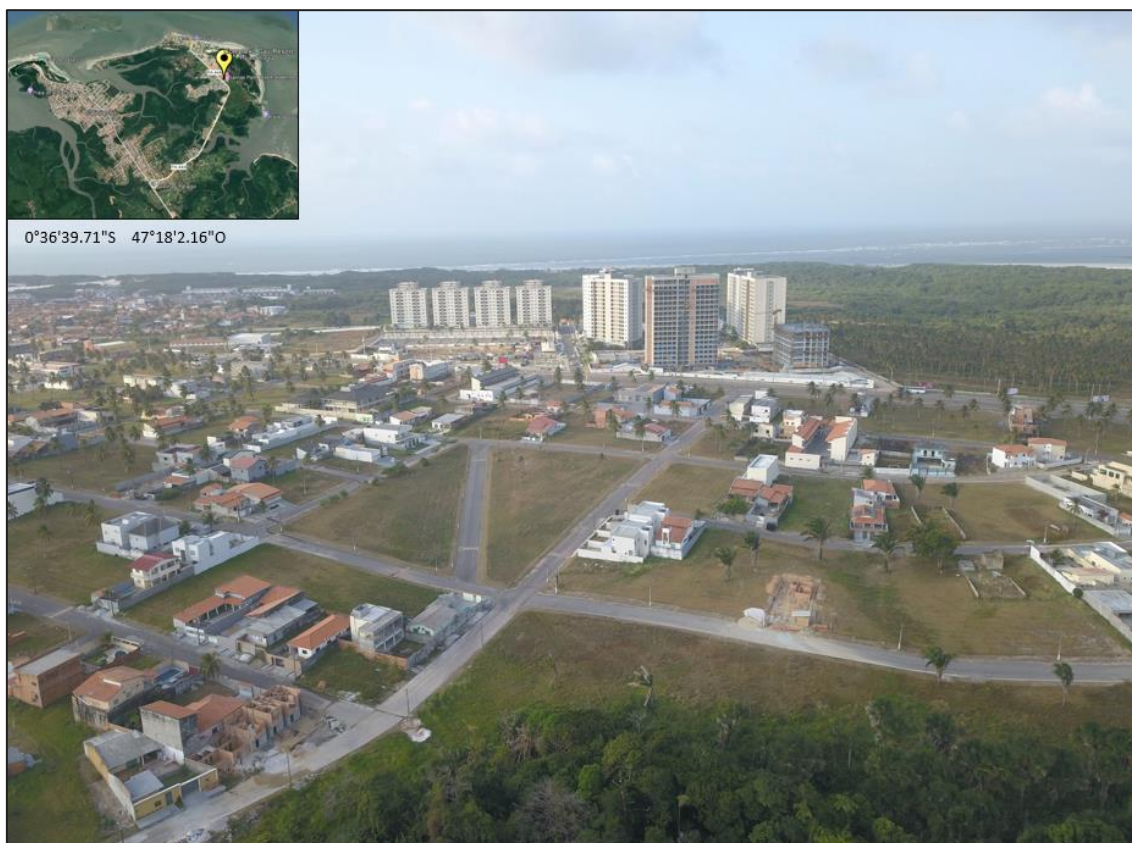
As atividades urbano/mercantis, como o mercado imobiliário, expandiram-se na cidade voltadas ao atendimento dos veranistas (Santos & Costa, 2021). Os novos padrões das redes hoteleiras surpreendem pelo tamanho e pelo formato luxuoso, estratégias para atrair os turistas com conforto e praticidade. A GAV Resorts é um exemplo de rede de turismo imobiliário que surgiu em Salinópolis, em 2014, e que, em parceria com mais três empresas dos setores de empreendimentos e construtoras, se expandiram pelas outras regiões do Brasil, como Sul, Nordeste e Centro-oeste. E o diferencial da rede é o sistema de multipropriedade, com o compartilhamento dos imóveis.

⁶ É o espaço do dia a dia do indivíduo, com características apreendidas pelo olfato, paladar, audição, visão e tato. É o espaço do cotidiano que se forma a partir de relações e interações (Lefebvre, 2013).

⁷ É o espaço pensado e planejado por agentes estratégicos, como o Estado ou o capital privado. Este possui formas e estruturas direcionadas para sujeitos específicos, fazendo parte de um planejamento pré-definido (Lefebvre, 2013).

Na Figura 8 é possível observar o Complexo da GAV Resort, na ilha do Atalaia, com três empreendimentos diferentes: Salinas Premium, Salinas Exclusive e Salinas Park Resort, além do próximo que está sendo construído, o Salinas Beach Resort. Com localização próxima da praia e vista para o mar, contém um amplo espaço de lazer para aqueles turistas que não desejam ir à praia, com parque aquático, piscinas aquecidas, sauna, área de lazer. Para os turistas que reservarem estadia pelos sites de burca e que vão chegar na cidade de avião, o complexo oferece o serviço de traslado do aeroporto até o resort.

Figura 8: Complexo da GAV Resort na ilha do Atalaia.



Fonte: Laboratório das cidades, 2024.

Na imagem aérea além do complexo de resort é possível notar a presença de lotes para comercialização e construção de segundas residências no Atalaia, por esses elementos é que afirmamos que o desenvolvimento voraz da produção capitalista do espaço veio ao longo dos anos imprimindo forma e conteúdo de caráter segregador nas cidades (Santos, 2025).

Trindade Jr. (2021), ao relatar memórias da sua infância a partir de experiências vividas nas férias em Salinópolis, frisa que era comum a presença de costumes tradicionais e vivência típica de um cotidiano praieiro em que podia desfrutar da culinária local, das frutas regionais como o ajiru, a presença do carimbó e do boi bumbá que eram dançados em famílias e em comunidade. Atualmente, segundo o autor, a dinâmica presenciada no cotidiano em Atalaia não é mais de tranquilidade em apreciar o banho de mar e da paisagem, mas é uma espécie de extensão da vida metropolitana, em que é possível perceber o ritmo agitado e o cotidiano programado da metrópole, "com suas populações esquecidas e cujo vínculo de empregos são

para elas quase sempre sazonais e com pouca, ou mesmo nenhuma, garantia de direitos sociais e trabalhistas de que seriam merecedoras” (Trindade Jr., 2021, p. 113).

É possível perceber a intensidade e a velocidade desse processo em lugares estratégicos para a sua reprodução principalmente na ilha do Atalaia. Tomando como exemplo os projetos de habitação, houve uma mudança no padrão centro-periferia nas últimas décadas, em que as áreas valorizadas eram aquelas que se localizavam no centro. Atualmente, devido à falta de espaço dentro desses grandes centros urbanos, surgiram novos eixos de valorização em áreas periféricas, principalmente na forma dos grandes condomínios fechados, que passam a ideia de tranquilidade e fuga do centro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de ocupação e apropriação do espaço pelo capital é cada vez mais mundial, seu produto (as formas) faz parte de uma mobilidade espacial. Segundo Carlos (2007), esses elementos apontam para uma mudança do sentido do lugar, mas sem esconder o fato de que o processo de globalização realiza-se aprofundando as contradições entre o local e o mundial, reafirmando e aprofundando a desigualdade espacial gestada no seio da produção capitalista.

A (des)ordem de uma pequena cidade na Amazônia pelo capital que impulsiona sua reprodução pautada na atividade do turismo demonstra as relações globais – a totalidade – materializadas no lugar; e é na vida cotidiana que as contradições resultantes dessas relações se manifestam: nas diferenciações entre os modos de morar, no acesso a infraestrutura, lazer, consumo etc. A contradição socioespacial se fortalece nesses espaços, o urbano avança reforçando as diferenças no lugar, a população local procura se adequar às atividades econômicas e resistir à avalanche da produção do espaço.

Pode-se perceber que organização interna da cidade de Salinópolis é reflexo de todo o processo histórico de formação, que iniciou com a organização da região do Salgado, no litoral paraense – a partir das embarcações que faziam a ligação Belém/Bragança/Maranhão e do nódulo urbano específico que é a cidade. A exploração do território para a exploração do sal, a atração do lugar para segunda residência para o turismo praieiro, e todos os conflitos de ocupação do espaço que hoje a cidade apresenta são influenciados pelo processo de dispersão metropolitana.

Compreende-se que, mesmo sendo pequenas cidades, a totalidade representa um significado particular para cada lugar (Santos, 2008), que também compõem as singularidades. A cidade torna-se o espaço de reprodução do capital, é condição geral da produção, e este fato impõe uma determinada configuração ao urbano aparecendo como fenômeno concentrado, fundamentado numa complexa divisão espacial do trabalho, formando uma aglomeração que, no capitalismo, tem em vista o processo de acumulação.

Uma pequena cidade do litoral do Pará, que possui aspectos físicos favoráveis a atividade do turismo de veraneio, é intensamente transformada a partir da dispersão do cotidiano da

metrópole. A cidade litorânea se torna propícia para a reprodução do capital, que impulsiona o comércio local, a melhoria da infraestrutura de algumas áreas da cidade, e, principalmente, o mercado imobiliário, responsável por grandes transformações. A interferência na organização do espaço serve para atender ao público de fora, turistas ou interessados na aquisição de uma segunda moradia; a população local resta marginalizada nesse processo.

REFERÊNCIAS

ADRIÃO, D. Pescadores de Sonhos: um olhar sobre as mudanças nas relações de trabalho e na organização social entre as famílias dos pescadores diante do veraneio e do turismo balnear em Salinópolis, Pará. In: **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 1, n. 2, p. 11-21, maio-ago, 2006.

BECKER, Bertha K. **Amazônia**. São Paulo: Editora Ática, 2001.

BRITO, F. M. O. (2004). **Salinópolis-PA: (Re)Organização Sócio-Espacial de um Lugar Atlântico Amazônico**. Universidade Federal De Santa Catarina, Florianópolis.

CALETRÍO, Javier. "De veraneo en la playa": pertencimento e o familiar no turismo de massa no Mediterrâneo. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 24, nº 47, p. 119-140, janeiro-junho de 2011.

CARLOS, Ana Fani. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARLOS, Ana Fani. **A cidade**. São Paulo: contexto, 2015.

CORDEIRO, Iracema Maria Castro Combra. ARBAGE, Marcelo José Cunha. SCHWARTZ, Gustavo. Nordeste do Pará: configuração atual e aspectos identitários. In: OLIVEIRA, F. de A. CORDEIRO, I. M. C. C. RANGEL-VASCONCELOS, L. G. T. SCHWARTZ, G. **Nordeste Paraense: panorama geral e uso sustentável das florestas secundárias**. Belém, PA: EDUFRA, 2017.

ÉGLER, Eugênia Gonçalves. A zona bragantina no estado do Pará. IN: **Revista Brasileira de Geografia**, Julho-Setembro, 1961.

EL-ROBRINI, M.; ALVES, M. A. M.; SOUZA FILHO, P. W. M. E.; EL-ROBRINI, M. H. Erosão e progradação do litoral brasileiro- Pará. In: Dieter Muehe. (Org.). **Erosão e progradação do litoral brasileiro**. Brasília: MMA, 2006, v., p. 41-46.

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço**. São Paulo: EDUSP, 2016.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro, 2023.

LEFEBVRE, Henri. Arquitectura espacial. In: LEFEBVRE, H. **La producción Del espacio**. Madrid: Capitán Sawing, 2013.

LENCIONI, S. O processo de metropolização do espaço: uma nova maneira de falar da relação entre metropolização e regionalização. In: SCHIFFER, S. R. **Globalização e estrutura urbana**. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

LENCIONI, Sandra. Redes, coesão e fragmentação do território metropolitano. In: **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Universidad de Barcelona. Vol. XIV, núm. 331, agosto de 2010. Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-331/sn-331-69.htm>. Acesso em: 24 de setembro de 2024.

LENCIONI, Sandra. **Metrópole, metropolização e regionalização**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017.

MARINHO, R. S. (2009). **Faces da expansão urbana em Salinópolis, zona costeira do estado do Pará**. Universidade Federal do Pará, Belém.

PENTEADO, A. R. **Problemas de colonização e uso da terra da Região Bragantina do Estado do Pará**. Belém: UFPA, 1967.

REIS, N. G. **Notas sobre urbanização dispersa e novas formas de tecido urbano**. São Paulo: Vias das Artes, 2006.

RODRIGUES, Fernando Mariano. **Saudades da minha aldeia**: tributo a Salinas de ontem. São Paulo: Faculdade Paulista de Serviço Social, 2003.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. 5º ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SANTOS, Karina Pimentel dos. COSTA, Sandra Maria Fonseca. Os efeitos da dispersão metropolitana na cidade de Salinópolis/PA. In: **Anais do VI Seminário Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional** da UNIVAP. São José dos Campos: 2021.

SANTOS, Karina Pimentel dos. MONTAIA, Gustavo Rodrigo Milaré. A organização socioespacial das cidades de maré do Salgado paraense: uma análise até meados do século XX. In: **ANAIIS XVII SIMPURB**. Curitiba: 2022.

SANTOS, Karina Pimentel dos. O uso desigual do espaço e as barreiras da liberdade social a partir do turismo em Salinópolis (PA). In: **Anais VIII Congresso Brasileiro de Geógrafos**, São Paulo: 2024.

SANTOS, Karina Pimentel dos. **O singular do urbano na Amazônia: a dinâmica econômica e as transformações espaciais das cidades de maré do Salgado Paraense**. 2025. Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, no prelo.

TAVARES, Maria Goretti da Costa. A Amazônia brasileira: formação histórico-territorial e perspectivas para o século XXI. In: **GEOUSP – espaço e tempo**, São Paulo, n° 29, pág. 107-121, 2011.

TRINDADE JR, Saint-Clair. **Formação metropolitana de Belém (1960-1997)**. Belém: Paka-Tatu, 2016.

TRINDADE JR, Saint-Clair Cordeiro. **Vilas e cidades da Amazônia: paisagens, memórias e pertencimentos**. Belém: Paka-Tatu, 2021.